REMINISCENCIAS

O brasileiro que mais sabe...

Num bellissimo artigo, o Sr. Assis Brasil ha pouco alludiu a Ruy Barbosa, dizendo-o o brasileiro que melhor escreve, e a Capistrano de Abreu como «o brasileiro que mais sabe» . . .

A respeito deste brasileiro, que tanto saber tem armazenado durante uma longa vida toda dedicada, com amor e tenacidade, ao estudo, eu quero hoje inserir no meio de minhas «reminiscencias» umas ligeiras linhas de irreverentes recordações.

Assisti uma vez a um concurso para preenchimento de uma vaga numa grande repartição publica, installada num luxuoso palacio desta capital.

Quando cheguei, todos os candidatos e examinadores a postos esperavam pelo examinador que se considerava como o elemento decisivo na banca: o Sr. Capistrano de Abreu.

Na roda de que fiz parte, falava-se delle. Gabavam-lhe os meritos de escriptor e os de historiador. Recordavam o respeito com que o barão do Rio Branco procurava sempre attrahir Capistrano de Abreu, consultando-o innumeras vezes, e aproveitando-lhe os conhecimentos vastissimos.

Havia na roda um candidato, que nunca havia visto Capistrano, e só o conhecia de nome, venerando-o como o maior dos nossos historiadores.

De repente entra pelo salão a dentro, quasi es-

barrando em todo o mundo, muito myope, ás cabeçadas, de paletot sacco sujo, calças a cahirem, gravata passada sem laço e recusando-se terminantemente a abraçar o collarinho, barba crescida em desordem e cabello em permanente revolta contra todo e qualquer pente, um homem de apparencia exotica, qualquer cousa como um fugitivo boróró, mal vestido, ás préssas, e horrorisado contra a civilisação...

Houve um sussurro.

O director da repartição, mal o viu, apressou-se em lhe dirigir a palavra, chamando-o pelo nome, e offerecendo-lhe a melhor cadeira na mesa dos examinadores.

Era Capistrano de Abreu.

O candidato que ainda o não conhecia não poude esconder o seu enorme espanto deante daquelle quasi maltrapilho. Ficou boquiaberto, abrindo desmesuradamente os olhos e fixando-os na philosophia do recem-chegado. Sem poder dominar a surpresa, exclamou alto, escandalosamente, como se assistisse a um phenomeno absolutamente inesperado e inverosimil:

—Uê! E' aquelle?

Era aquelle o mais alto e mais intelligente investigador da historia que já honrou a nossa cultura.

Mas neste artiguete só cabe o lado anecdotico dos homens. E Capistrano é curioso...

Em tudo podemos crêr, mesmo na possibilidade de um dia o sol atravessar o espaço em zig-zag, cambaleando ironicamente para implicar com os astronomos, faltando-lhes com o devido respeito.

Só numa cousa ninguem póde acreditar, porque é impossivel: é Capistrano de Abreu gastar um minuto só que seja deante do espelho, a ajustar com carinho o nó da gravata.

Seria roubar um instante ao estudo, e elle não troca um livro por um cuidado de toilette.

Uma vez, vindo do Cattete, Capistrano trouxe de tal modo a gravata, que o conductor do bonde,

por mais que a procurasse descobrir, não a encontrou. Intimou-o:

—Não póde ir neste carro porque não tem gravata!

Capistrano vinha distrahido, de nariz encostado ás paginas de um folheto, lendo. Não se irritou. Deu o nickel ao conductor, esboçou um gesto no ar apontando com a mão mais ou menos para o pescoço, e limitou-se a prestar a seguinte informação laconica:

—Ella ha de andar por ahi!

E de novo mergulhou na leitura, chegando aos olhos myopes o folheto.

Não sei que seriedade lhe viu no rosto o conductor, que acreditou na palavra do historiador e passou adeante.

Capistrano não veste casaca. Quando tem de comparecer á solemnidade de um concurso para vaga de professor no Collegio D. Pedro II, como todos os collegas usam trajes de rigor, elle então, qualquer que seja a temperatura, esconde-se abotoado dentro de um sobretudo.

Faz a barba e corta o cabello uma ou no maximo duas vezes por anno. E essa operação consta do seguinte: correr uma thesoura pelo rosto e pela cabeça, cortando tudo o que for encontrando pelo caminho . . . Só.

Embora tenha o maior despreso pela roupa, entretanto adora, como um indio, o banho frio.

A respeito de indios, Capistrano de vez em quando recebe um . . .

Creio que é o seu amigo, o senador Leopoldo de Bulhões, quem o fornece de indios e cigarros, mandando-os buscar directamente na fabrica, em Goyaz.

Capistrano recebe o indio, submette-o a interrogatorios continuos, e depois de lhe ter extrahido dos miolos toda a materia prima ethnographicamente aproveitavel, devolve-o ás florestas de Goyaz e manda buscar outro.

A's vezes, com curiosidade e paciencia, o histo-

riador passeia com o seu indio para recolher as impressões delle através da cidade, e registral-as.

Uma vez, dizem-me, passando de manhã muito cêdo pela praia do Flamengo na companhia de um dos seus indios, Capistrano viu-se em talas.

O representante de nossos ancestraes sympathisou devéras com as claras e rosadas moças, que no momento brincavam entre as ondas. E as desejou, querendo a todo custo possuil-as ali mesmo na praia, e convidando Capistrano a acompanhal-o na conquista.

Foi um horror a difficuldade com que lutou o historiador para convencer o seu indio da impossibilidade de realisar tão bello sonho.

O indio não queria saber nem da policia, nem do Codigo Penal, nem do respeito ás familias. E chamava attenção para a belleza daquellas pernas . . .

Cedeu apenas ante a consideração da força com que o professor lhe ferrou os pulsos, afastando-o daquelle logar, onde tanta gente tambem soffre, mas refreando-as melhor, as mesmas tentações.

Capistrano é interessante ainda pelas suas phrases de espirito, que correm de bocca em bocca.

Quando se fundou aquella Academia de Letras, ali da praia da Lapa, como era natural, não faltou quem quizesse auxiliar o gremio sobredourando-o com o nome de Capistrano de Abreu.

Capistrano respondeu recusando-se á nova agremiação:

—Já faço parte da academia humana sem ser por meu gosto, e basta-me . . .

A respeito da horrivel critica dos jornaes, leviana e apressada, em dia de bom humor elle se exprimiu:

—Inda hei de deixar por testamento a cada reporter um legado de 15$000, correspondente a mais de um dia de trabalho, para que nenhum delles escreva sobre mim, e nem ao menos redija siquer a noticia de minha morte.

A respeito da funcção realmente moralisadora de D. Pedro II sobre o Brasil ha uma phrase delle que é impossivel reproduzir.

—Elle foi a tampa do «pot» . .

Vai ahi a meia palavra franceza em vez do original, que começa pela mesma letra.

Depôr o imperador foi como destampar o «pot». Empestou-se o ar . . .

E' perfeito de verdade o sarcasmo!

De como Capistrano é distrahido, um facto o attesta.

Sei que um dia, na Bibliotheca Nacional, ao tirar o lenço do bolso do casaco, Capistrano deixou cahir todo o dinheiro de seu ordenado de professor, que havia acabado de receber.

Felizmente, o cobre cahiu no proprio seio da honestidade, que o foi no caso a cadeira de trabalho de Constancio Alves

A importancia foi logo recolhida ao cofre da Bibliotheca e um continuo foi despachado a avisar o historiador em sua residencia.

Capistrano foi encontrado tarde, e ainda não havia dado por falta do dinheiro, que havia guardado com desdem, num bolso tão improprio.

E' sem fim o numero de anecdotas que se poderia recolher a respeito desse assumpto.

Digamos, antes de fechar este artiguete ligeiro, que ninguem merece mais respeito e sympathia do que este homem do qual com justiça Assis Brasil fala nos termos que me servem de epigraphe.

Capistrano de Abreu é o melhor e o maior historiador até hoje surgido no Brasil.

Tem elevação de vistas e profundeza philosofica nos seus arestos.

Não cita de segunda mão: é de uma probidade mental absoluta. Vai aos documentos originaes, ou recorre a copias authenticas.

E o conjunto de sua vida, passada com o maior desinteresse no trato dos livros, longe da competição

dos egoismos vulgares e grosseiros, basta para denunciar nos sub-solos do seu temperamento um fundo de poesia.

Aliás, seu bello estylo o denuncia.

Accrescente-se a generosidade com que elle acóde a todo mundo, como guia espiritual, servindo um numero infinito de pessoas, a offerecer a todos, com a maior modestia, os resultados de sua colossal erudição, com a naturalidade com que uma fonte pura offerece a sua agua a qualquer.

Ainda um episodio: da ultima vez que foi ao Ceará, Capistrano, ao chegar á sua cidade natal, tirou os sapatos, na intimidade de amigos que o podiam comprehender, e entrou descalço em homenagem á terra sua e de seus pais.

Não ha homem de coração que não sinta, commovido, a belleza simples deste gesto.

AÉCIO PRADO.